

A construção da linguagem estética nas performances de camgirls e o desejo do espectador: antropologia e psicanálise

The construction of aesthetic language in
camgirl performances and the spectator's desire:
anthropology and psychoanalysis

La construcción del lenguaje estético en las
performances de camgirl y el deseo del espectador:
antropología y psicoanálisis

Caio Ferreira Romano

Ana Carolina Fiori

Natânia Lopes

<https://doi.org/10.20396/proa.v15i00.20302>

PROA

revista de antropologia e arte

dossiê

volume 15 | e025027

A construção da linguagem estética nas performances de camgirls e o desejo do espectador: antropologia e psicanálise

Caio Ferreira Romano

 <https://orcid.org/0009-0009-1003-4128>

> cf_romano@hotmail.com

Mestre em Psicologia

Universidade Federal de Minas Gerais

Ana Carolina Fiori

 <https://orcid.org/0009-0009-5281-6232>

> acfiori2005@gmail.com

Graduanda em Antropologia

Universidade Federal da Integração Latino Americana

Natânia Lopes

 <https://orcid.org/0000-0003-3326-4814>

> natanielopes@id.uff.br

Doutora em Ciências Sociais

Universidade Federal Fluminense

Introdução

O fenômeno das *camgirls*, termo que se refere às mulheres que realizam performances eróticas ao vivo em plataformas digitais, articula de forma singular erotismo, estética e economia do desejo. Suas atuações, situadas entre arte e trabalho sexual, constituem um espaço privilegiado para observar como o olhar masculino e as fantasias inconscientes se manifestam na cultura digital contemporânea.

Para a exploração desses casos, o texto é estruturado de forma interdisciplinar, com ferramentas teórico-conceituais da antropologia e da psicanálise, em torno de dois aspectos que marcam o fenômeno da performance das *camgirls*. Primeiramente desenvolvemos, a partir da psicanálise, o processo de construção da fantasia erótica masculina dos espectadores que contratam os serviços oferecidos por essas trabalhadoras sexuais. Em um segundo momento do texto, exploramos o ponto de vista das *camgirls*, analisando a construção de suas performances em diálogo com as fantasias sexuais masculinas.

O estudo utiliza como método a etnografia digital, com foco na plataforma *Guide of the Sex*, e adota referenciais da antropologia estética para compreender de que maneira essas artistas elaboram uma linguagem própria, capaz de articular erotismo, arte e mercado. Ao fazê-lo, buscamos iluminar o modo como o desejo, o imaginário e a performance se entrelaçam na cultura visual contemporânea.

A imagem da trabalhadora sexual como via de dissolução do Complexo de Édipo em Freud

O texto *Um tipo especial de escolha de objeto no homem* (1910), de Sigmund Freud, é o primeiro de uma trilogia intitulada *Contribuições à psicologia do amor*. Nele, Freud discorre sobre as escolhas de objetos amorosos dos homens que reinam no imaginário masculino, baseadas na dissolução do complexo de Édipo.

Uma dessas fantasias é o “amor à prostituta”:

Esta (...) condição diz que a mulher casta e insuspeita nunca exerce o fascínio que a transforma em objeto amoroso, mas apenas a mulher de alguma má fama, sobre cuja fidelidade e constância paira certa dúvida. Essa última característica pode variar numa gama significativa, da ligeira sombra na reputação de uma esposa inclinada ao flerte até a conduta abertamente poligâmica de uma *cocotte* ou artista do amor, mas a algo desse gênero não renunciam os que se enquadram nesse tipo (Freud, 2013, p. 336-337).

É como se a prostituta, nesses casos, ornada de uma aura de mistério e insubordinação, viesse ocupar um lugar, no imaginário, de resolução de uma tensão subjetiva importante. Essa que está melhor abordada no segundo texto da mesma trilogia, intitulado *Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa* (1912). Aqui, Freud descreve algo que, segundo ele, é comum na vida amorosa do homem civilizado: “Não se juntaram duas correntes cuja união é imprescindível para uma atitude inteiramente normal no amor, duas correntes que podemos caracterizar como *a terna* e *a sensual*.” (Freud, 2013, p. 349).

A corrente terna é a dos primeiros anos da infância. Através do cuidado afetuoso materno ocorreria a “*escolha de objeto infantil primária*” (Freud, 2013, p. 349). Ou seja, a cuidadora (normalmente a mãe) é o primeiro objeto de desejo da pessoa e, através dele, se moldam os objetos dos desejos futuros.

A corrente sensual deveria surgir, via de regra, na puberdade, enquanto o objeto infantil primário continuaria a ser libidinalmente investido. “Mas, como vai de encontro aos obstáculos erguidos nesse meio-tempo pela barreira do incesto, envidará esforços para logo transitar desses objetos [primários], impróprios na realidade, para outros, desconhecidos, com os quais seja possível uma vida sexual real.” (Freud, 2013, p. 350).

Os novos objetos seriam procurados através do molde edípiano, portanto:

Esses novos objetos ainda serão escolhidos segundo o modelo (a *imago*) daqueles infantis, mas com o tempo atrairão para si a ternura que se ligava aos primeiros. O homem deixará pai e mãe — conforme o preceito bíblico — e se apegará à mulher; ternura e sensualidade ficarão unidas (Freud, 2013, p. 350).

Ainda segundo Freud, se por alguma razão o desenvolvimento libidinal não ocorre, “a libido se afasta da realidade, é tomada pela fantasia (introversão), reforça as imagens dos primeiros objetos sexuais, fixa-se neles” (Freud, 2013, p. 351), sendo essa fixação inconsciente. Freud escreve que a masturbação, enquanto atividade sexual solitária, contribui para essa fixação, isolando e dificultando a passagem a novos objetos:

Nada muda nesse estado de coisas, se então é realizado na fantasia o que malogrou na realidade, se nas situações fantasiosas conducentes à satisfação onanista os objetos sexuais originais são substituídos por outros. As fantasias se tornam, com essa substituição, capazes de chegar à consciência, e nenhum progresso se efetua na real alocação da libido (Freud, 2013, p. 351).

O que aconteceria aqui seria então uma fixação edípica nos primeiros objetos (aqueles da corrente terna), impossibilitando uma mudança libidinal. O resultado desse não desenvolvimento seria que “toda a sensualidade de um jovem seja ligada no inconsciente a objetos incestuosos, ou, como também podemos dizer, seja fixada em fantasias inconscientes incestuosas.” (Freud, 2013, p. 351).

Para Freud, nesses casos, ocorre uma resolução que equaliza as pulsões e as defesas psíquicas: sucede-se uma cisão do objeto em corrente terna e corrente sensual, em vez da integração destes dois modelos fantasísticos na vida adulta. Ele afirma que “a vida amorosa de tais pessoas fica cindida em duas direções, que a arte personifica em amor celestial e amor terreno (ou animal). Quando amam, não desejam, e quando desejam, não podem amar.” (Freud, 2013, p. 352).

Em ambos os objetos haverá os resquícios do objeto primário. Na corrente terna eles poderão ser conscientes, porém na corrente sensual eles estariam inconscientes, evitando a percepção pelo sujeito da relação dos objetos de interesse sexual com os objetos incestuosos. Assim também, na corrente sensual, pode ocorrer, como defesa, uma depreciação do objeto: “(...), o principal meio de que alguém se vale nesta cisão amorosa é a *depreciação* psíquica do objeto sexual, enquanto é reservada para o objeto incestuoso e seus representantes [corrente terna] a superestimação que normalmente cabe ao objeto sexual.” (Freud, 2013, p. 353).

Na cisão, o objeto da corrente terna será assim exaltado e superestimado, enquanto o objeto da corrente sensual tende a ser depreciado. No entanto, “tão logo é atendida a condição da depreciação, a sensualidade pode manifestar-se livremente, com significativa atividade sexual e elevado prazer.” (Freud, 2013, p. 353). Ou seja, colocando-se o objeto na posição única e exclusiva de objeto da sexualidade (corrente sensual), retirando-se dele os sentimentos ternos e restando a depreciação, a sexualidade poderia fluir sem culpa.

Esse desenvolvimento é uma complementação ao pensamento já exposto anteriormente sobre o “amor à prostituta”¹. Freud refinou essa teoria ao longo de dois anos, trabalhando melhor o tema do complexo de Édipo.

Agora vêm a ser compreensíveis, nos seus motivos, as fantasias de garotos mencionadas na primeira “Contribuição”, que rebaixam a mãe ao nível de mulher fácil. Constituem esforços de, ao menos na fantasia, fechar o abismo entre as duas correntes da vida amorosa, de ganhar a mãe como objeto de sensualidade, pela depreciação (Freud, 2013, p. 353).

Através dos estudos de Goffman (1980), podemos assemelhar a prostituta com a atriz pornô e a *camgirl* enquanto personificações da “mulher de má fama”. Goffman (1980) discute que a ideia da “mulher de má fama” se conecta com marcadores sociais, onde a má reputação está atrelada, entre alguns marcadores, a sexualidade. Podemos pensar nas trabalhadoras sexuais em geral como personagens que representam, no imaginário masculino e social, aquela corrente sensual de que fala Freud. Não sendo procuradas aleatoriamente pelos clientes, elas poderiam ser escolhidas, se seguirmos Freud, através das características do objeto primário que residem no inconsciente daqueles que as procuram. Desse modo concernindo a elas (de maneira inconsciente), a representação de uma “mãe sexualizada”, frente à dissolução do complexo de Édipo. Esta é uma tentativa de explicar, segundo o modelo freudiano, o fascínio que as trabalhadoras sexuais exercem ou podem exercer. Por meio de uma fixação no objeto incestuoso, personifica-se nelas o objeto exclusivamente sexual, a ser desejado, depreciado, masturbado e procurado repetidamente.

A *camgirl*, como representação de uma mãe sexualizada, figuraria como recurso ou defesa frente aos desejos incestuosos inconscientes, desse modo sendo possível manifestar a libido com menos angústia ou culpa. Por representar uma personagem que desobriga do afeto da ternura, e cuja ideação estaria restrita à sexualidade, a *camgirl* poderia funcionar como uma figura-chave para a saída masculina do complexo de Édipo.

Através de uma cisão, portanto, a trabalhadora sexual torna a sexualidade possível. Expandindo essa reflexão, o psicanalista Robert Stoller teoriza outro aspecto sobre as fantasias sexuais. Ele desenvolve a ideia de seus roteiros transformarem “um trauma de infância num triunfo adulto.” (Stoller, 1998, p. 20). Nas palavras dele, as fantasias sexuais são:

(...) - uma tentativa de curar os efeitos de – traumas, frustrações, conflitos e outras condições dolorosas com as quais a pessoa não pode lidar sem mudar seu desenvolvimento. A manifestação visível da cura é o enredo da história da perversão² – o elenco de persona-

1 É importante ressaltar que o amor do homem fica cisionado. Ele ama uma mulher terna e ama outra mulher sensual (prostituta). Mesmo do lado em que há depreciação e sensualidade, também há amor e desejo. A frase de Freud: “Quando amam, não desejam, e quando desejam, não podem amar.” (Freud, 2013, p. 352), é lida “Quando amam *ternamente*, não desejam *sexualmente*, e quando desejam *sexualmente*, não podem amar *ternamente*.”. Ternura e sexualidade ficam cisionados, porém há amor em ambas as situações.

2 O termo perversão é aqui usado em um sentido geral, enquanto ato sexual; pois na psicanálise pode se tratar de uma psicopatologia ou estrutura. Nesse caso, a palavra perversão pode ser substituída por “fantasia sexual”.

gens com seus papéis determinados, ação, argumentos. O roteiro é então representando como um devaneio, na pornografia escolhida ou no mundo real. (Stoller, 1998, p. 20)

Na fantasia sexual, devaneia-se com cenas traumáticas, com humilhações sofridas, e, ao mesmo tempo, tenta-se resolvê-las, achar uma solução vitoriosa para os fatos ocorridos. As dores vividas moldam as fantasias sexuais em roteiros de vingança contra as pessoas que lhes causaram dores, traumas e frustrações. No caso dos meninos, essa pessoa é comumente a mãe. Desse modo, Stoller amplia a teorização de Freud, incluindo que a fetichização da mulher é uma forma de vingança frente aos traumas vividos.

Na criação fantasista em que uma mulher que é reduzida ao papel de exercício de uma sexualidade necessariamente esvaziada de afeto, está contida também uma vingança: “A desumanização [da mulher] é vingança, um ato triunfante oferecido pelos homens, na maioria das sociedades, como prova de masculinidade, uma anulação de um senso de vitimação e fraqueza em face da categoria de objetos (por exemplo, mulheres) que se deseja.” (Stoller, 1998, p. 84).

A desumanização do feminino também pode caminhar para uma fixação em especificidades do corpo ou vestuários, enquanto acontece um esvaziamento da virtualidade da relação com outra pessoa, entendida como ser integral: “Ou ignoramos nossa consciência de que as pessoas são seres humanos como nós e focalizamos apenas certas partes anatômicas ou aspectos parciais de sua personalidade, ou voltamos inteiramente as costas aos seres humanos e desejamos o não-humano, como peças de roupas.” (Stoller, 1998, p. 84). Ou seja, ocorre uma “coisificação” da mulher, uma fetichização de suas partes. Elaboração que podemos constatar nas fantasias masculinas sobre as *camgirls* e demais trabalhadoras sexuais.

Desse modo, vemos que as fantasias sexuais culminam em um movimento paradoxal. Ela “*parece ser* audaciosa. A pessoa parece assumir um risco ao se aproximar do velho perigo.” (Stoller, 1998, p. 41). E, ao mesmo tempo, “ela é também, de outro ponto de vista, covarde: como outros devaneios, finge enfrentar as questões, mas na verdade é usada para evitar a intimidade com os outros e consigo mesmo.” (Stoller, 1998, p. 41).

Conclui-se que a idealização sexual da *camgirl* (como representante aqui da prostituta enquanto figura conceitual freudiana), que ocorre, segundo a psicanálise, através de uma cisão da imagem feminina no imaginário masculino, teria algo de uma defesa contra a culpa, seja por desejos incestuosos inconscientes ou por traumas e frustrações vividos na infância. A fantasia consciente resultando de uma harmonização de desejos (inconscientes) e defesas psíquicas. No caso das trabalhadoras sexuais, a personificação de um ser limitado à satisfação de uma sexualidade imaginada como “pura” e desembaraçada dos afetos é um vetor de extrema importância nessa equalização.

Nesta sequência de ideias, para Stoller, as fantasias sexuais têm que excitar em sua comunicação, para isso, elas não podem ser muito explícitas em relação às vontades mais profundas e aos medos:

Quando o criador (artista, pornógrafo, masturbador) embala bem seu produto, sua audiência (que inclui ele mesmo) é também afetada, e mais ou menos pelas mesmas razões do criador. O truque é evitar que brote demasiado *insight* em ambas as partes, pois – o mecanismo compreendido – não haveria excitação, apenas sabedoria (ou estímulos e prazer sem adornos, ou culpa, angústia, raiva, desespero, tédio). (Stoller, 1998, p. 74)

Ou seja, as fantasias sexuais são feitas “simultaneamente para disfarçar e comunicar” (Stoller, 1998, p. 74). É necessário achar um equilíbrio, pois caso ocorra muita consciência, muita clareza, a excitação sumiria. A tensão não pode provocar risco, deve haver uma segurança: “Por fatores de segurança entenda-se aos elementos na história usados para disfarçar a dinâmica subjacente que estou descrevendo, de modo que o processo que leva à vivência da excitação não seja interrompido por angústia ou culpa não planejadas.” (Stoller, 1998, p. 75). Por exemplo, os termos MILF (*Mother I'd Like to Fuck*, em português: “Mãe que Eu Gostaria de Foder”) ou *stepmother* (madrasta) estão entre os mais procurados nos sites pornô, ao contrário da procura de relação sexual direta entre mãe e filho (Romano, 2024). O disfarce favorece a excitação e a procura. As fantasias sexuais possuem uma limitação, elas estão sujeitas a uma harmonia psíquica entre ocultamento e revelação.

A estética do desejo nas performances das *Camgirls*

Se na primeira parte deste artigo exploramos a construção da fantasia erótica masculina e do desejo do espectador a partir da psicanálise, esta seção se volta para o outro lado da tela: a *performer*. Analisamos aqui como as *camgirls*, enquanto artistas e trabalhadoras do sexo, não apenas respondem a essas fantasias, mas ativamente as mobilizam, moldam e constroem através de uma linguagem estética própria. Elas são as agentes que transformam o desejo em cena, e a fantasia em performance monetizável.

As *camgirls* criam conteúdo performático em plataformas digitais, combinando elementos de dança, conversação e atos sexuais em transmissões ao vivo. É importante reconhecer que ser *camgirl* é uma forma de trabalho sexual, e suas performances estão ligadas à arte e à criatividade. Compreender suas atuações como performances artísticas não apenas eleva sua agência, mas também evidencia a complexidade e o profissionalismo envolvidos nesse ofício.

A atuação das *camgirls* transcende a prestação de serviços, pois elas mobilizam o desejo através de uma estética própria, utilizando o corpo como veículo de elementos sensuais e pornoeróticos para construir uma vivência imersiva. Esta atuação desperta no telespectador uma experiência de erotismo fetichizado e hipervisualizado, marcada por gestos expressivos, gemidos e contorções corporais. A representação, muitas vezes teatralizada, transcende a simples gratificação sexual, ao propor a criação de uma cena personalizada para o espectador.

Diferentemente da pornografia tradicional, as *camgirls* produzem uma sensação de convivência e autenticidade: conversam, riem, interrompem a performance para falar de si, mostrar o quarto ou o cotidiano, pequenos detalhes que reforçam a impressão de estarmos diante de uma “vida real”. Como observa Hernández (2021), essa estética da autenticidade performada é central para o *camming*: trata-se de uma encenação do real, cuidadosamente construída para parecer espontânea. A *camgirl* transforma o ordinário, o ambiente doméstico, o corpo imperfeito e o gesto cotidiano em linguagem estética e afetiva. Essa dimensão interativa e a percepção de “vida real” são elementos fundamentais para a extração de valor nessas plataformas (Hernández, 2021).

A coconstrução do desejo entre *camgirl* e cliente transcende a mera transação sexual, englobando a venda de tempo, atenção e, sobretudo, a criação de fantasias e cumplicidade. As performances das *camgirls* envolvem uma construção cênica cuidadosa, na qual cada elemento estético é planejado, projetado para despertar o desejo dos espectadores. A excitação e a conexão erótica emergem de uma experiência fundamentalmente estética que envolve o público na linguagem e na narrativa propostas pela *performer*, estabelecendo um diálogo cênico.

Esta análise baseia-se em observações etnográficas realizadas na plataforma *Stripchat*. A plataforma é acessada através de um portal agregador chamado *Guide of the Sex*, onde o *Stripchat* funciona como uma seção específica de *camming*. Ao observar as performances, atentei-me às suas dimensões visuais, narrativas e afetivas. A etnografia digital foi conduzida nos meses de maio e junho de 2025, totalizando 20 horas de observação participante em *chats* públicos e análise de perfis de diferentes *performers*. As observações concentraram-se em espaços públicos da plataforma, não requerendo acesso a conteúdo pago. Como as observações se concentraram exclusivamente em *chats* públicos da plataforma, que funcionam como espaços de livre acesso, o consentimento direto das *performers* não foi solicitado. Esta abordagem alinha-se a protocolos de etnografia digital focada em interações públicas. Contudo, para garantir o anonimato e a privacidade das artistas, todos os nomes aqui utilizados são pseudônimos e detalhes identificáveis foram alterados.

A arte manifesta-se na habilidade de transitar entre o suspense e o desfoque até a eventual explicitação do corpo. A construção da expectativa constitui o elemento central dessas performances. Esse jogo de cena não é um mero prelúdio para a exposição do corpo, mas constitui a essência da experiência, atuando como catalisador do desejo. A *camgirl* utiliza ângulos de câmera sugestivos, iluminação estratégica, pausas prolongadas e gestos calculados para gerar estranhamento e intensificar a excitação.

Chamamos aqui de *sublime erótico* o efeito dessas estratégias estéticas. Adaptando o conceito de Burke (1990), que liga o sublime clássico ao terror, à obscuridade e ao poder que fascina e paralisa. O sublime erótico no *camming* não reside na beleza harmoniosa, mas na *tensão avassaladora da expectativa*. É a vertigem provocada pela iminência da revelação, pelo poder do olhar e pela ansiedade de um desejo que pode ou não ser consumado. A *camgirl* domina essa tensão, usando a obscuridade (uma iluminação fraca, uma sombra) e a sugestão (o som antes da imagem) como fontes de poder estético.

A performance de Luna em junho de 2025 exemplifica esse conceito de sublime erótico. Durante os primeiros vinte minutos, Luna manteve-se em ambiente escuro, iluminada apenas por uma luz amarela, deixando o ambiente mais intimista. Ela não mostrava o corpo, apenas seu rosto em *close-up*, sussurrando respostas ao *chat*. A excitação do público, medida pela rápida sucessão de mensagens e gorjetas, não se baseava no que era visto, mas no que era *imaginado*. Ela construiu uma narrativa de suspense erótico, onde o som e a cumplicidade da conversa se tornaram mais potentes que a nudez explícita.

Assim, o poder de fascínio que as *camgirls* exercem está enraizado na produção da expectativa, na teatralidade e na construção de uma autenticidade sensorial. A nudez parcial opera não apenas como sugestão do que virá, mas como elemento estético autônomo, e explora o espaço de suspensão onde o desejo é maximizado, inclusive na sua não realização completa.

Performance e identidade estética

A estética das imagens e performances das *camgirls* funciona como um motor de influência, moldando e sendo moldada pelos desejos do público. Elas atuam simultaneamente como agentes sociais e artísticas, cujas criações visuais e performáticas exercem poder sobre o olhar e o consumo. A linguagem estética de suas performances é elemento central na construção de identidades artístico-sexuais, inseri-las em nichos de mercado específicos.

Essas identidades são construídas ativamente pelas *camgirls* num complexo jogo de projeção e negociação. O gerenciamento da imagem digital constitui aspecto fundamental de sua prática profissional, adaptando-se às expectativas do público enquanto buscam controlar a narrativa de si. Nesse sentido, proponho pensar as *camgirls* como artistas-performers, que expressam individualidade e criatividade ao utilizar critérios estéticos como ferramenta para construir uma linguagem própria. Ao explorar fantasias, desafiam convenções sociais, posicionando-se num lugar onde arte, erotismo e trabalho se entrelaçam.

Técnicas de construção de personagem

Assim como fazem muitas prostitutas para preservar suas identidades, as *camgirls* adotam nomes fantasia. Essa prática, que posiciona o *camgirling* como uma forma contemporânea de trabalho sexual performático, permite a criação de outra personalidade a partir do nome. Este *alter ego* funciona como nome artístico, elemento central na construção da persona performática, central na elaboração da linguagem estética e identitária das *camgirls*.

Como propõe Natânia Lopes (2022), o “nome de guerra” existe para proteger a identidade real e assume a função de antinome, desvinculando-se de uma identidade fixa. Esse avesso do nome, marca do “não ser aquele que se é”, compõe uma personagem performática que atua para satisfazer o desejo do consumidor. A criação dessa personagem é, ela mesma, parte da expressão autoral das *camgirls*. Luna, por exemplo, alinha seu nome-fantasia à sua persona “gótica” e misteriosa.

Em outro extremo, observado na mesma plataforma, a *performer* Judite utiliza a “estética da autenticidade” de forma teatral. Sua persona é a da “garota comum” (*girl-next-door*), atropalhada e cômica. Ela conversa sobre seu dia, derruba um copo d’água, ri de si mesma e, em seguida, executa um ato sexual solicitado por um cliente com a mesma naturalidade. A alternância entre elementos cotidianos e conteúdo sexual explícito caracteriza essa modalidade performática e reforça a sensação de “vida real”, mas é uma “encenação do real” cuidadosamente construída para gerar intimidade e um fetiche de acessibilidade.

No *stripchat*, as transações são mediadas por uma moeda específica, que permite a monetização das performances e caracteriza o *camgirling* como trabalho sexual remunerado. Essa classificação monetária também participa da construção da personagem, uma vez que os tipos de shows são organizados por preços conforme a atividade oferecida. Há uma diversidade notável de categorias e a diversidade de corpos e identidades: magras, curvilíneas, *plus size*, ruivas, morenas, árabes, asiáticas, latinas. Configura-se assim um “cardápio digital” de identidades e práticas sexuais categorizadas, no qual critérios corporais, étnicos e sexuais são transformados em elementos de fantasia e consumo.

Esse “cardápio” revela a tensão central do *camming*: por um lado, ele achata a subjetividade em categorias de consumo, transformando a artista em um produto a ser filtrado; por outro, as *camgirls* utilizam ativamente essa taxonomia para construir seus nichos e explorar fetiches. A riqueza estética do universo das *camgirls* se manifesta na decoração, na iluminação e no uso de acessórios, criando cenários atrativos e visualmente complexos. A escolha estética frequentemente explora fetiches e narrativas culturais, desafiando ou reforçando normas sociais sobre sexualidade e beleza.

As linguagens adotadas pelas *camgirls* estão no mundo e dialogam com ele. Durante o *Halloween*, por exemplo, muitas *performers* utilizam fantasias temáticas e fundos decorativos, independentemente de sua nacionalidade. Tal flexibilidade estética evidencia a dimensão artística do *camgirling* como prática cultural globalizada.

Conclusão

Escolhemos perceber os shows das *camgirls* como performances orientadas por uma estética do sublime. Nesse contexto, a trabalhadora sexual se apresenta como uma artista, criando a cena erótica na qual utiliza seu corpo, percebido a partir das mais diversas classificações, como suporte. Os espectadores, por sua vez, consomem essas performances participando de uma forma de comunicação “*happening*”, interagindo e tornando-se parte integrante da ação, o que remete à ideia de Gell (2018) de que a arte necessariamente exerce influências e provoca ações e reações no público. Essa interação entre *performer* e público é fundamental na experiência das *camgirls*, uma vez que elas dependem das interações e das respostas dos clientes não só para definir e modelar sua atuação ao vivo, como para se manterem ativas e vistas na plataforma graças aos cálculos algorítmicos que organizam a visibilidade em função das interações.

Pensamos a fantasia sexual do espectador do outro lado da tela como equalização de desejos inconscientes formados na vivência do Complexo de Édipo com as defesas psíquicas que tendem a repelir ideias geradoras de angústia na experiência sexual masculina. Como se uma resposta possível da dissolução edípica fosse a separação entre ternura e sensualidade, resultando na busca ideal de uma persona feminina exclusivamente sexual.

A formação dessa persona feminina sexualizada é explorada na construção teórica de Freud e Stoller e é também o terreno fantástico comum explorado pelas mulheres criativamente em suas performances, com vistas ao lucro.

A partir dos referenciais teóricos adotados para constituir esta discussão, é preciso ressaltar que, na psicanálise, a formação da fantasia se baseia na cisão de uma mãe sexualizada, mas que existem, é claro, questões subjetivas mais específicas a partir e em torno dessa construção. O que buscamos explorar aqui foram os moldes, os guias matriciais, sem as particularidades de um desejo masculino que é útil para se pensar as representações e o imaginário social. Por outro lado, buscamos trazer o aspecto das particularidades das fantasias através do desenvolvimento do trabalho estético das trabalhadoras sexuais.

Na teorização de Stoller, a subjetividade dos enredos das fantasias sexuais são soluções vitoriosas perante os traumas sofridos pelo sujeito. As *camgirls* são envolvidas nessa trama. Procuramos indicar modos através dos quais é possível a negociação de existência de uma persona unicamente sexual ao mesmo tempo em que também são explorados os aspectos mais específicos das subjetividades para uma completa experiência do desejo.

Contribuição de autoria: Todas as autoras tiveram contribuição equivalente na concepção, elaboração e revisão do texto.

Financiamento: Não houve financiamento para a realização da pesquisa.

Referências

BURKE, Edmund. **A Philosophical Enquiry into the Origin of Our Ideas of the Sublime and Beautiful**. Oxford: Oxford University Press, Inglaterra, 1990.

FREUD, Sigmund. Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa (Contribuições à psicologia do amor II), *In: Obras completas*: observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910). São Paulo: Companhia das Letras, 2013. v. 9.

FREUD, Sigmund. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem (Contribuições à psicologia do amor I), *In: Obras completas*: observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910). São Paulo: Companhia das Letras, 2013. v. 9.

GELL, Alfred. **Arte e agência**: uma teoria antropológica. São Paulo: Ubu, 2018.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

HERNÁNDEZ, Antonia. On demand intimacy: The cost and value of intimate exchanges on Chaturbate and OnlyFans. *In: Seminário Engaging with Online Sex Work*, University of Amsterdam, 2021.

LOPES, Natânia. Fabulação auto etnográfica - Experiência e posição numa pesquisa sobre “prostituição de luxo”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 65, p. e226506, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8672042>. Acesso em: 27 jan. 2025.

ROMANO, Caio Ferreira. **A natureza e a função da masturbação e suas relações com a pornografia na contemporaneidade**. 2024. 175 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

STOLLER, Robert J. **Observando a imaginação erótica**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

Submetido em: 27 jan. 2025.
Aprovado em: 23 nov. 2025.

Verificado por análise de similaridade do Turnitin.



“A construção da linguagem estética nas performances de camgirls e o desejo do espectador: antropologia e psicanálise”, de autoria de Caio Ferreira Romano, Ana Carolina Fiori e Natânia Lopes, está licenciado sob CC BY 4.0.

